

▪ HISTÓRIA, MEIO AMBIENTE E POVOS ORIGINÁRIOS: saberes e resistências indígenas frente às crises do antropoceno

Dra. Bianca Luiza Freire de Castro França¹

A crise climática que se intensifica nas últimas décadas, marcada por eventos extremos como secas prolongadas, inundações, deslizamentos de terra e queimadas descontroladas, tornou-se uma das principais ameaças à sobrevivência dos povos originários no Brasil. Esses povos, cuja relação com o território é ancestral e simbiótica, enfrentam os impactos ambientais de forma singular, já que sua subsistência e cultura estão profundamente entrelaçadas ao meio ambiente. Além dos fenômenos naturais, essas populações são atingidas por ações humanas que agravam a degradação de seus habitats, como a poluição dos rios, o desmatamento e a extração predatória de recursos naturais.

Este dossiê é desdobramento de pesquisa pós-doutoral realizado, entre junho de 2024 e março de 2025, no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/Unirio), sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Heloisa Maria Bertol Domingues. Propõe, a partir dos campos da História Ambiental, da História do Antropoceno e da Antropologia Ecológica — campos estes também abordados ao longo da pesquisa pós-doutoral — investigar como as transformações climáticas e os processos de destruição ambiental influenciaram — e ainda influenciam — a vida, a resistência e as lutas dos povos originários nos séculos XX e XXI. O objetivo deste dossiê é criar um espaço de debate acadêmico que dê visibilidade às experiências desses povos diante das mudanças ambientais, evidenciando suas estratégias de enfrentamento e a importância de seus saberes tradicionais frente à crise climática global.

Além disso, pretende-se analisar o papel das políticas públicas, governamentais e não-governamentais, que muitas vezes, ao invés de proteger, acentuam as desigualdades ambientais e territoriais. Neste sentido, os artigos aqui reunidos — poucos, mas eficazes —

¹ Historiadora. Pós-doutorado em História (PPGH/Unirio), Doutora em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/FGV), Mestre em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia (PPACT/MAST), Especialista em Sociologia (UCAM) e Docência Básica (IFMG/Arcos), Licenciada em História (UNIRIO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6965076686458954> e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8326-3559>

contribuem para refletir sobre a urgência de alternativas sustentáveis de manejo ambiental que valorizem os conhecimentos indígenas, construídos historicamente a partir de outras formas de viver, produzir e se relacionar com a natureza.

Embora o estudo das interações entre meio ambiente e sociedade tenha ganhado força nas últimas décadas, sobretudo no campo da História, a análise específica sobre a relação entre povos indígenas e meio ambiente, principalmente no ramo da historiografia, ainda é escassa e precisa ser aprofundada. O reconhecimento das epistemologias indígenas é condição fundamental para a construção de uma justiça climática que seja, ao mesmo tempo, social, territorial e epistêmica (FERDINAND, 2022; PÁDUA, 2023). Assim, a valorização dessas tecnologias tradicionais não apenas reforça a resiliência dos povos da floresta, mas oferece caminhos concretos para reimaginar o futuro em meio às ruínas do Antropoceno.

Refletir sobre as práticas tecnológicas e os saberes ambientais dos povos indígenas da Amazônia à luz da crise climática contemporânea é uma proposta que dialoga diretamente com a Antropologia Ecológica, mas também se insere nos campos analíticos da História Ambiental e da História do Antropoceno — ou, como propõe Malcom Ferdinand (2022), do *Plantationceno*, ao evidenciar as raízes coloniais da devastação ecológica atual.

Segundo Pádua (2010), a História Ambiental investiga as interações entre sistemas sociais e naturais em uma perspectiva de longa duração, tal como sugerido por Braudel: “a história é o homem e tudo mais” (BRAUDEL *apud* MOORE, 2003, p. 431). Já o conceito de Antropoceno, amplamente difundido a partir dos anos 2000, aponta para a ação humana como força geológica capaz de transformar o planeta, exigindo abordagens críticas que considerem os impactos socioambientais globais e as desigualdades históricas, especialmente aquelas vividas por povos originários (PÁDUA, 2023). A crise climática não é abstrata: ela atinge diretamente os modos de vida, a saúde e os territórios indígenas.

Diante disso, a História Ambiental e a História do Antropoceno oferecem ferramentas fundamentais para compreender tanto os impactos quanto as respostas locais à crise climática. Ao recuperar vozes, práticas e temporalidades marginalizadas (CHARTIER, 1988), a historiografia pode contribuir para recentrar as epistemologias indígenas como alternativas concretas de futuro. Incorporar esses saberes aos debates contemporâneos não é apenas uma escolha metodológica, mas também um gesto político de justiça epistêmica e climática.

Ao tentar iluminar essa lacuna acadêmica — afim de “cutucar” os interessados para que se debrucem sobre o assunto — o presente dossiê propõe uma abordagem interdisciplinar e crítica que articula diferentes métodos e fontes — da pesquisa documental às entrevistas, da história política à história oral — para compreender como esses povos enfrentam as transformações do Antropoceno e o avanço do capital sobre seus territórios.

Dessa forma, abrimos o dossiê com o artigo de Avelino Pedro Nunes Bento da Silva, intitulado “*O direito à floresta amazônica: meio ambiente e história indígena nos Relatórios da Comissão Pastoral da Terra (1985-1989)*”, que examina os conflitos fundiários no Amazonas no contexto da redemocratização brasileira. A análise dos relatórios da Comissão Pastoral da Terra (CPT) revela os impactos da expansão capitalista sobre os territórios indígenas e a atuação da CPT como agente de denúncia frente à violência institucional e à devastação ambiental.

Em seguida, o artigo de Laís Deosdede da Silva e Edson Silva, “*Povo Xukuru do Ororubá: história, agricultura e restauração de áreas degradadas*”, apresenta um estudo sobre a região do Semiárido pernambucano, destacando como os saberes agrícolas ancestrais do povo Xukuru possibilitam a restauração ecológica de áreas degradadas. Ao articular memória, território e práticas sustentáveis, o texto evidencia a resistência dos Xukuru diante das transformações impostas pelo agronegócio e pela monocultura.

Encerramos o dossiê com o texto de Andrisson Ferreira da Silva, “*Performances indígenas de resistências na história: teorias indígenas, crises climáticas e o mundo dos brancos*”. O autor propõe uma leitura crítica e filosófica da crise ambiental contemporânea a partir de autores como Ailton Krenak e Davi Kopenawa, questionando as categorias de “humanidade” e “progresso” do Ocidente e propondo as performances indígenas como atos de insurgência epistêmica e existencial frente ao colapso ambiental.

Este dossiê é, portanto, um convite à escuta, à reflexão crítica e ao reconhecimento dos saberes indígenas como centrais para repensar a história ambiental brasileira e construir alternativas ao modelo civilizatório hegemônico. Esperamos que os textos aqui reunidos contribuam para o fortalecimento do diálogo entre os saberes acadêmicos e tradicionais, e para a ampliação das lutas por justiça socioambiental.

Agradecemos à equipe editorial da Revista História & Cultura pelo acolhimento da proposta, aos autores e autoras pelos trabalhos instigantes e a cada parecerista pelo compromisso e rigor no processo de avaliação. Dedicamos este dossiê a Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997), antropóloga romena naturalizada brasileira, que, ao longo de sua trajetória acadêmica e de militância em defesa dos povos indígenas no Brasil, defendeu o

reconhecimento e o uso social das tecnologias indígenas (RIBEIRO, Berta G., 1986a; FRANÇA, 2023). Sua obra e seu compromisso ético inspiram profundamente as reflexões reunidas neste volume.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura.

Referências

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: A longa duração. *Revista de História*, Ano XVI, v. 30, n. 62, p. 261 – 294, abril – junho de 1965.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FRANÇA, Bianca L. F. de Castro. “Uma civilização vegetal”: a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX. Tese (doutorado) – Escola de Ciência Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2023.

PÁDUA, José Augusto. O Antropoceno na perspectiva da análise histórica: uma introdução. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 54, p. 659–669, 2023.

PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estud. av. [Online]*, v.24, n.68 p.81-101, 2010.

RIBEIRO, Berta G. “A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida”. In: RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy (Org.). *Suma Etnológica Brasileira II: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1986. p. 283-313.